

Resumo: Este artigo faz uma incursão nas origens históricas da bioética resgatando historicamente três protagonistas importantes. Um mais conhecido e reconhecido, Van Rensselaer Potter nos EUA e o outro completamente desconhecido e que somente muito recentemente temos notícia, em 1997, trata-se do filósofo, teólogo, pastor e educador alemão Friz Jahr. Ficamos sabendo que a expressão Bioética, foi utilizada pela primeira vez por Fritz Jahr, na Alemanha, em 1926 e 1927 num artigo publicado na revista científica Kosmos, intitulado “Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas”. Jahr ampliou o conceito do imperativo Kantiano e propõe o Imperativo Bioético “respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível enquanto tal”. O conceito de bioética de Fritz Jahr inclui, além do ser humano, todas as formas de vida. O terceiro protagonista na fase inicial do surgimento da bioética é Hans Jonas, filósofo judeu-alemão, que vai elaborar o seu princípio da responsabilidade, pensando e elaborando uma ética frente ao domínio crescente da civilização técnico-científica. A expressão Bioética ganhou certificado de nascimento e se consolida nos EUA durante os anos 70 e depois é “exportada” para o mundo, a partir dos anos 80 do século passado, a partir dos trabalhos de Van Rensselaer Potter e mais a fundação do Instituto Kennedy de Bioética (1971) junto à Georgetown University em Washington, DC.

Abstract: The article sets out by making a research in documents dealing with the historical origins of bio-ethics in order to restore to the front page three important protagonists. One of them is VAN RENSSELAER POTTER from the USA, well known and duly appreciated, while the other is completely unknown, and only recently we have received news about him, in 1997. His name is FRITZ JAHR, from Germany, a philosopher, theologian, pastor, and pedagogue. He is known as having used for the first time the term Bio-ethics in an article entitled “Bio-ethics: a revision of an ethical relationship between humans, flora and fauna”, published in the scientific journal Kosmos, in 1926 and 1927 in Germany. JAHR amplified the Kantian concept of the categorical imperative of Kant by proposing the bio-ethical imperative: “respect every living being, in principle and finality in itself and treat it, if possible, as such”. The bio-ethical concept of FRITZ JAHR includes as well in addition to the human being, all forms of life. The third protagonist in the initial phase of the origin of bio-ethics is HANS JONAS, a German philosopher of Jewish descent who is going to work out the principle of responsibility, laying the basis of thought and developing the science of ethics in confrontation with the growing domination of the technical and scientific civilization. The term bio-ethics acquired its birth certificate and was consolidated in the USA during the years of the 70ties and afterwards was “exported” to the rest of the world since the years of the 80ties of the last century in the works published by VAN RENSSELAER POTTER as well as the foundation of the Kennedy Institute of Bio-ethics at Georgetown University in Washington, DC.

Bioética aos 40 anos:

O encontro de um *credo*, com um *imperativo* e um *princípio*

Leo Pessini*

* Professor Doutor no programa de pós-graduação em Bioética, mestrado e doutorado, do Centro Universitário São Camilo em São Paulo. Autor de inúmeras obras no âmbito da bioética. Atualmente é Provincial dos Camilianos no Brasil (2010-2016) e Presidente das Organizações Camilianas Brasileiras, uma rede de 52 hospitais espalhados em 19 estados brasileiros.



“O que lhes peço é que pensem a bioética como uma nova ética científica que combine a humildade, responsabilidade e competência, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural, e que potencialize o sentido de humanidade”.

VAN RANSELAER POTTER

“Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal”.

Fritz JAHR

“Aja de tal maneira que os efeitos da ação que você desenvolve sejam compatíveis com a permanência da vida humana autêntica na Terra”.

HANS JONAS

Introdução

A bioética, levando-se em conta a perspectiva do norte-americano bioquímico Van Ransselaer Potter e a data da publicação de seu primeiro artigo em 1970, já completou 43 anos de existência desde quando o termo foi cunhado. Pesquisas recentes na área deslocam esta data para a década de 1920, mais precisamente 1926-27 na Alemanha e descobrem a figura de Fritz Jahr. No momento, a pesquisa em curso identifica a data de 15 de dezembro de 1926 como sendo a do seu primeiro escrito sobre bioética, intitulado: “Ciências da vida e ética: velho conhecimento em novas roupagens”. Nesse artigo ele apresenta pela primeira vez o imperativo bioético. Fato histórico nesse sentido foi o lançamento do livro *“Fritz Jahr and the Foundations of Global Bioethics: The Future of Integrative Bioethics”* (Fritz Jahr e os fundamentos da Bioética global: o futuro da bioética integrativa) editado por Muzur Amir & Hans-Martin Sass no 8o. Congresso Internacional de Bioética Clínica realizado em São Paulo (16-19 de maio de 2012). Não sem uma pontinha de ironia, no folder de divulgação do livro lê-se:

“Você sabe quem inventou ‘bioética’? Não, não foram os americanos! Foi Fritz Jahr, um pastor em Halle an der Saale. Em 1926-27 ele se contrapôs criticamente ao imperativo categórico de Kant, com o seu Imperativo Bioético: ‘Respeite todos os seres vivos como um fim em si mesmo e trate-os como tal, se possível’” (MUZUR & SASS, 2012).

Nossa jornada reflexiva em torno do berço da bioética se faz em três momentos fundamentais, com três protagonistas. Começamos com



Potter nos EUA em 1970, com seu “*credo bioético*” e o conceito de “*bioética como ponte para o futuro*” (POTTER, 1971) e voltamos no tempo histórico para a década de 20 do século passado, mais precisamente aos anos de 1926-27 com Fritz Jahr, com a sua proposta do *Imperativo bioético*, que inclui uma visão ética para além dos seres humanos, uma ética para todos os seres vivos: “*Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal*” (JAHR, 1926). O terceiro protagonista é o filósofo Judeu – Alemão, Hans Jonas (1979), que elabora o *princípio da responsabilidade*, ao nos propor uma ética frente à civilização técnica, no cultivo de uma “*heurística do medo*”, não deixando o *homo faber* dominar o *homo sapiens*. Concluímos nossa reflexão (PESSINI, SIQUEIRA; HOSSNE, 2010) com uma aproximação entre os três protagonistas pioneiros na agenda bioética no seu nascedouro, os quais profeticamente se antecipam aos fatos e exigências éticas de hoje para que possamos garantir o futuro da vida no planeta. A atualidade desta questão é inquestionável, somente lembrando a discussão em andamento no mundo patrocinada pela ONU, quando em 2012 esta organização programou para o Brasil, no Rio de Janeiro, a realização da Conferência para o Desenvolvimento Sustentável com o mote “*o futuro que queremos*”. Trata-se da Conferência Rio +20.

1 O pioneirismo de Van Rensselaer Potter nos EUA (1970)

1.1 Conhecendo a pessoa

No dia 6 de setembro de 2001 falecia o Dr. Van Rensselaer Potter (1911-2001), em Madison, pequena cidade do Estado de Wisconsin, no meio-oeste dos Estados Unidos. Potter nasceu no Estado da Dakota do Sul em 27 de agosto de 1911, e morreu quando acabara de completar 90 anos. Seu avô morreu de câncer aos 51 anos, um ano antes de seu nascimento, dele herdando o nome, vindo a se chamar Van Rensselaer Potter II. Sua mãe morreu num acidente de carro quando ele tinha sete anos, e tornou-se muito ligado ao pai, desde então. Potter deixou esposa, três filhos, 6 netos e duas irmãs.

Recebemos um comunicado de sua neta Lisa Potter, que trabalhou muito de perto com seu avô de 1994-1997 auxiliando-o nas publicações de bioética e em conferências. Textualmente lemos: “Lamentamos informar que Van faleceu ontem (6/09) às 05h20min da tarde. Ele estava



tranquilo e a família mantinha-se presente ao lado do leito. Eu segurava sua mão quando exalou o último suspiro. Sei que ele sentiu o apoio e o amor da família. Ele morreu logo após seu 90º aniversário. Sentiremos muito sua falta”.

Foi ele quem cunhou o neologismo *bioethics* em 1970. Chamá-lo de “pai da bioética”, como muitos o fazem, seria exagerado segundo alguns estudiosos na área da história da bioética, e dizer que ele é somente autor do neologismo “*bioethics*”, seria não fazer justiça para a estatura de sua pessoa como pesquisador e pioneiro da bioética, já que acabou sendo marginalizado pelos seus compatriotas. Potter, poucos dias antes de sua partida, deixou uma mensagem final endereçada aos amigos da sua “rede de bioética global”. Nesta mensagem, ele demonstra ressentimento pelo não reconhecimento de seu trabalho em bioética em seu próprio país.

*“Por um longo período de tempo, 1980-1990, ninguém reconheceu meu nome nem quis ser parte de minha missão. Nos EUA houve uma explosão imediata do uso da palavra bioethics pelos médicos, que falharam ao não mencionar meu nome ou o título das minhas quatro publicações em 1970-1971. Infelizmente, o conceito de bioética deles atrasou o surgimento do que existe hoje”*¹.

A biografia de Potter é particularmente relevante para a história de uma ideia, o conceito de autonomia que desempenha até hoje, um papel predominante na ética biomédica norte-americana. Antes de enfatizar direitos individuais, ele enfatiza responsabilidades pessoais. Potter, inclusive, não só elaborou, mas viveu seu *credo* de ativista, enfatizando sua responsabilidade social e ambiental. Na condição de um bioeticista virtuoso que era, não só viveu sua visão de bioética, como também, convocou outros também a fazê-lo, alertando que para alguém merecer ser chamado de bioeticista deveria seguir tal *credo*, o que apresentaremos na íntegra ao longo deste texto, após a análise do seu legado intelectual. Destaca-se, portanto, uma forte ênfase na ética das virtudes na bioética Potteriana, que adquire quase um tom de pregação.

Potter era considerado um distinto membro da “*Unitarian Society of Madison*” (Sociedade Unitariana de Madison), uma organização de inspiração cristã, que segue o espírito de Jesus de Nazaré e, que defende a perspectiva de uma religião liberal. Entre outros objetivos desta organi-

¹ DEAR GLOBAL BIOETHICS NETWORK. *Final Message*. Disponível em: <http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter_v.html>. Acessado em: 23 nov 2004.



zação, lê-se como sendo o primeiro, “a integridade de vida” que significa totalidade (*wholeness*). Para as pessoas de genuína integridade, todos os objetivos e questões de vida estão interrelacionados. Os Unitarianos constituem-se numa confraria de livre pensamento, em que são aceitos como membros: “... *pessoas de todas as opiniões teológicas, que desejam se unir a nós na promoção da verdade, justiça, reverência e caridade entre os homens*”. Trata-se de uma associação aberta, em que o ateu honesto pode se declarar como tal, sem nenhum medo, bem como o crente piedoso falar de sua ligação pessoal com o universo e com Deus sem embaraço.

Textualmente lemos: “... *a única exigência que fazemos e que esperamos é que sejamos honestos com nós mesmos e com os outros*”.² Embora não tenha lido nenhum comentário em que se faça esta ligação com a organização dos Unitarianos, percebe-se uma profunda ligação do credo bioético potteriano com a filosofia desta organização.

Potter trabalhou mais de 50 anos na Universidade de Wisconsin, em Madison, nos Laboratórios MacArdle para a pesquisa de Câncer, aposentando-se em 1982. Doutorou-se em bioquímica. Pela sua contribuição original sobre a compreensão do metabolismo das células cancerígenas, foi reconhecido por sua eleição para a Academia Nacional de Ciências. Foi Presidente da Sociedade Americana de pesquisa sobre o Câncer em 1974, além de ter servido em inúmeras outras organizações científicas de grande prestígio nos EUA.

Potter, após sua aposentadoria da Universidade, praticamente passou a residir em sua casa de campo em meio a um bosque, nas cercanias de Madison, onde na varanda feita de madeira rústica, recebia amigos, estudantes, onde sentia-se em comunhão com a natureza. Nos últimos anos de vida, dedicou-se ao cuidado de sua esposa, Vivian, tragicamente deficiente por causa de artrite. Por opção, deixou de viajar e dar conferências pelo mundo afora, ficando junto de sua companheira.

A última viagem que Potter realizou para o exterior, foi para a Itália em 1990, a convite do Prof. Bruneto Chiarelli, Prof. de Antropologia da Universidade de Florença (Itália), para falar sobre Bioética Global. Estava então com 79 anos, e não mais viajando devido à idade, mas recebendo inúmeros convites para participar de eventos de bioética, ele envia vídeos de suas palestras. Temos assim três vídeos: 1) 1998 – so-

² Disponível em: <<http://www.harvardsquarelibray.org/unitarians/madison.html>>. Acessado em 19/11/2004.



bre Bioética Global, por ocasião do IV Congresso mundial de Bioética (Tóquio), a convite do Prof. Hyakuday Sakamoto; 2) 1999, um vídeo para o Congresso Mexicano de Bioética, a convite do falecido Prof. Manuel Velasco Soares; e 3) 2000 – um vídeo para o Congresso Internacional de Bioética, organizado pela Sociedade Internacional de Bioética (Gijón – Espanha), a convite do Prof. Marcelo Palácios.

Uma resolução elaborada pelo corpo docente da Universidade de Wisconsin em memória de Van Rensselaer Potter, além de destacar a importância de sua vida profissional como pesquisador e professor de oncologia durante mais de 50 anos, enfatiza que

“... sua maior contribuição para a comunidade científica são os mais de 90 pós-doutorados que orientou e estudantes de graduação que, inspirando-se nele, tornaram-se proeminentes em vários campos da ciência, sendo que um deles foi agraciado com o Prêmio Nobel. (...) Para Van a ciência não era um ‘trabalho’ mas, uma experiência ética, apaixonada e criativa. Além do mais, ele não separava o cientista do processo científico ou o cientista do contexto social do empreendimento científico. Esta filosofia, motivada pelo seu conceito de “humildade com responsabilidade”, o conduziu à fase final de sua produtiva carreira”³.

Esta fase final é justamente a fase da bioética, dos últimos 30 anos de vida. A pessoa de Potter é lembrada pelos seus colegas de docência na Universidade de Wisconsin como *“um ser humano iluminado, preocupado com o cuidado humano de tudo, para que todos pudessem viver, não numa utopia, mas em um mundo esteticamente belo e sustentável, uma vida satisfatória e feliz”⁴.*

1.2 O legado intelectual

Potter, que chamou a bioética de “ciência da sobrevivência humana”⁵, traçou uma agenda de trabalho para a mesma que vai desde a

³ MEMORIAL RESOLUTION of the Faculty of the University of Wisconsin – Madison. *On the death of professor emeritus Van Rensselaer Potter II*. Disponível em: <[http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/PotterGlobal Bioethics.html](http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/PotterGlobal%20Bioethics.html)>.

⁴ MEMORIAL RESOLUTION of the faculty of the University of Wisconsin – Madison. *On the death of professor emeritus Van Rensselaer Potter II*. Faculty Document 1628. Madison 1 April 2002. Disponível em: <http://mcardle.oncology.wisc.edu/faculty/bio/potter_v.html>.

⁵ POTTER, V. R. *Bioethics: bridge to the future*. Chapter one: Bioethics. The Science of Survival 1971; 1-29.



intuição da criação do neologismo em 1970, até a possibilidade de encarar a bioética como uma disciplina sistêmica ou profunda em 1988. Alguns lances mais importantes deste itinerário são interessantes de recordar, iniciando pela pergunta de como surgiu o neologismo “bioética”.

Nos anos 1970-71, Potter cunha o neologismo “*Bioethics*” utilizando-o em dois escritos. Primeiramente, num artigo intitulado “*Bioethics, science of survival*”, publicado em **Persp. Biol. Med** 14:27-153, 1970 e no livro *Bioethics, bridge to the future* (1971). Esta publicação é dedicada a Aldo Leopold, um renomado professor na Universidade de Wisconsin que pioneiramente começou a discutir uma “Ética da terra”. Este neologismo apareceu na mídia, em 19 de abril de 1971, quando a Revista Time publicou um longo artigo com o seguinte título “*Man into superman: the promise and peril of the new genetics*”, em que o livro de Potter foi citado.

Na contracapa do seu livro *Bioethics: bridge to the future*, lemos:

“Ar e água poluída, explosão populacional, ecologia, conservação – muitas vozes falam, muitas definições são dadas. Quem está certo? As idéias se entrecruzam e existem argumentos conflitivos que confundem as questões e atrasam a ação. Qual é a resposta? O homem realmente está colocando em risco o seu meio ambiente? Não seria necessário aprimorar as condições que ele criou? A ameaça de sobrevivência é real ou se trata de pura propaganda de alguns teóricos histéricos?”

“Esta nova ciência, bioética, combina o trabalho dos humanistas e cientistas, cujos objetivos são sabedoria e conhecimento. A sabedoria é definida como a maneira de usar o conhecimento para o bem social. A busca de sabedoria tem uma nova orientação porque a sobrevivência do homem está em jogo. Os valores éticos devem ser testados em termos de futuro e não podem ser divorciados dos fatos biológicos. Ações que diminuem as chances de sobrevivência humana são imorais e devem ser julgadas em termos do conhecimento disponível e no monitoramento de “parâmetros de sobrevivência que são indicados pelos cientistas e humanistas”⁶.

Potter pensa a bioética como uma ponte entre a ciência biológica e a ética. Sua intuição consistiu em pensar que a sobrevivência de grande parte da espécie humana, numa civilização decente e sustentável, depen-

⁶ POTTER V. R. *Bioethics: bridge to the future*. New Jersey: Prentice-Hall., Englewood Cliffs; 1971. Ver Introdução, p. VII-VIII.



dia do desenvolvimento e manutenção de um sistema ético. Em 1998, ao olhar este primeiro momento de sua reflexão, afirma:

*“O que me interessava naquele momento, quando tinha 51 anos, era o questionamento do progresso e para onde estavam levando a cultura ocidental todos os avanços materialistas próprios da ciência e da tecnologia. Expressei minhas idéias do que, segundo meu ponto de vista, se transformou na missão da bioética: uma tentativa de responder à pergunta frente à humanidade: que tipo de futuro teremos? E temos alguma opção? Por conseguinte, a bioética transformou-se numa visão que exigia uma disciplina que guiasse a humanidade como uma ‘ponte para o futuro’. (...)”*⁷

Na introdução de seu livro *Bioethics: Bridge to the Future*, diz que:

*“Se existem duas culturas que parecem incapazes de dialogar – as ciências e as humanidades – e se isto se apresenta como uma razão pela qual o futuro se apresenta duvidoso, então, possivelmente, poderíamos construir uma ponte para o futuro, apresentando a bioética como essa ponte entre as duas culturas”*⁸.

No termo bioética (do grego “*bios*”, vida, e “*ethos*”, ética) “*bios*” representa o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos e “*ética*” representa o conhecimento dos valores humanos. Potter almejava criar uma nova disciplina em que acontecesse uma verdadeira dinâmica e interação entre o ser humano e o meio ambiente. Ele persegue a intuição de Aldo Leopold e, neste sentido, antecipa-se ao que hoje se tornou uma preocupação mundial, que é a ecologia.

É importante registrar que existe outro pesquisador que reivindica a paternidade do termo “bioética”. É o obstetra holandês, André Hellegers, da Universidade de Georgetown, em Washington, D.C. que seis meses após a aparição do livro pioneiro de Potter, *Bioethics: bridge to the future*, utiliza esta expressão no nome do novo centro de estudos: *Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study of Human Reproduction and Bioethics*. Hoje este Centro é conhecido simplesmente como Instituto Kennedy de Bioética. Hellegers animou um grupo de discussão de médicos e teólogos (protestantes e católicos) que viam com preocupação crítica

⁷ Vídeo apresentado por ocasião do IV Congresso Mundial de Bioética – 1998 (Tóquio).

⁸ POTTER V. R. *Bioethics: bridge to the future*. New Jersey: Prentice-Hall., Englewood Cliffs; 1971. Introdução, p. IV.



o progresso médico tecnológico que apresentava enormes e intrincados desafios aos sistemas éticos do mundo ocidental. Para Warren Thomas Reich, historiador da bioética e organizador das duas primeiras edições da *Encyclopedia of Bioethics* (1978 e 1995), “o legado de Hellegers” está no fato de que ele entendeu sua missão em relação à bioética como “uma pessoa ponte entre a medicina, a filosofia e a ética”. Este legado é o que acabou ganhando hegemonia e tornou-se um “*estudo revitalizador da ética médica*”⁹.

Portanto, no momento de seu nascimento, a bioética tem uma dupla paternidade e um duplo enfoque. Temos duas perspectivas bem distintas: de um lado, problemas de macrobioética, com inspiração na perspectiva de Potter e, por outro, problemas de microbioética ou bioética clínica, com clara inspiração no legado de Hellegers. Potter não deixou de expressar sua decepção em relação ao curso que a bioética seguiu. Reconheceu a importância da perspectiva de Georgetown, porém afirmou que “minha própria visão da bioética exige uma concepção muito mais ampla”. Pretendia que a bioética fosse uma combinação de conhecimento científico e filosófico (o que mais tarde chamou de *Global Bioethics*), e que não fosse simplesmente um ramo da ética aplicada, como foi entendida em relação à medicina.

No ano de 1988, Potter amplia a bioética em relação a outras disciplinas, não somente como ponte entre a biologia e a ética, mas com a dimensão de uma ética global. Disse ele:

*“A teoria original da bioética era a intuição da sobrevivência da espécie humana, numa forma decente e sustentável de civilização, exigindo o desenvolvimento e manutenção de um sistema de ética. Tal sistema (a implementação da bioética ponte) é a bioética global, fundamentada em intuições e reflexões fundamentadas no conhecimento empírico proveniente de todas as ciências, porém, em especial, do conhecimento biológico... Na atualidade, este sistema ético proposto segue sendo o núcleo da bioética ponte com sua extensão para a bioética global, o que exigiu o encontro da ética médica com a ética do meio ambiente, numa escala mundial, para preservar a sobrevivência humana”*¹⁰.

⁹ REICH W. T. Shaping and Mirroring the Field: The Encyclopedia of Bioethics. In: WALTER J. K., Klein EP (editors) *The Story of Bioethics: from seminal works to contemporary explorations*. Georgetown University Press, Washington, D.C.; 2003. Reich WT. *Encyclopedia of Bioethics*, 2nd. ed Introduction; 1995. p. XIX-XXXII.

¹⁰ Van Rensselaer POTTER. *O Mundo da Saúde*, ano. 22, v. 22, n.6 nov. dez. 1998. Este Texto é o Script do Vídeo elaborado e apresentado especialmente para o IV Congresso mundial de Bioética (4-7 de novembro/1998) em Tóquio.



Potter, em sua apresentação de vídeo para o *IV Congresso Mundial de Bioética* promovido pela Associação Internacional de Bioética (Tóquio, 4-7 de novembro de 1998), cita o pensamento do célebre teólogo liberal católico alemão Hans Küng, da Universidade alemã de Tubingen, mundialmente conhecido, inclusive no Brasil com várias de suas obras traduzidas para o português. Potter lembra que Hans Küng, no seu projeto “Ethos Global”, chamou a atenção para uma Ética Global para a política e economia, em relação à qual todas as nações e povos das mais diferentes tradições culturais e crenças devem se responsabilizar. Ressalta que o coração da ética global de Küng está no humano, o que é louvável, embora sua ética global não seja bioética e seus preceitos básicos pareçam aceitáveis por todos. No entanto, esta perspectiva não é suficiente, pois é preciso explicitar o respeito pela natureza e as diferentes culturas, para além das culturas judaica e cristã.

Em 1998, Potter expõe a idéia da bioética profunda, retomando o pensamento do Prof. Peter Whitehouse da Universidade de Cleveland (Ohio). O Prof. Whitehouse assumiu a idéia dos avanços da biologia evolutiva, em especial o pensamento sistêmico e complexo que comporta os sistemas biológicos. A bioética profunda pretende entender o planeta como grandes sistemas biológicos entrelaçados e interdependentes, em que o centro já não corresponde ao homem como em épocas anteriores, mas que a própria vida do homem é somente um pequeno elo da grande rede da vida. Neste cenário, o ser humano é somente um pequeno elo na grande rede da vida, situando-se na trilha aberta pelo pensamento do filósofo norueguês Arne Naess, no início dos anos 70 do século passado (NAESS, 1973).

1.3 Ciência e religião juntas, frente ao desafio ético de garantir o futuro da vida na Terra

Num artigo publicado na Revista *The Scientist*, com o sugestivo título *Science, Religion Must Share Quest for Global Survival* (A ciência e a religião devem partilhar da mesma busca em relação à sobrevivência global)¹¹, diz Potter que nós não podemos mais ficar confortáveis com a idéia de que no futuro, se as coisas piorarem, a ciência terá as respos-

¹¹ POTTER V. R. Science, Religion Must Share Quest For Global Survival, (1994, May 16). *The Scientist*, 8, (10), 1-12.



tas. O momento para agir e provar nossa competência ética, bem como técnica, é hoje.

“Uma questão central para os nossos esforços deve ser a promoção do diálogo entre a ciência e a religião em relação à sobrevivência humana e da biosfera. Durante séculos, a questão dos valores humanos foi considerada como estando para além do campo científico e propriedade exclusiva dos teólogos e filósofos seculares. Hoje devemos sublinhar que os cientistas, não somente têm valores transcendentais, mas também os valores que estão embutidos no ethos científico necessitam ser integrados com aqueles da religião e filosofia para facilitar processos políticos benéficos para a saúde global do meio ambiente.”¹²

Na busca de companheiros para esta causa, Potter registra que muitos livros e artigos abordaram os problemas do meio ambiente e saúde humana, mas relativamente poucos enfocaram a questão da sobrevivência da espécie humana no futuro. Entre os autores citados temos: Hans Jonas com sua obra *The Imperative of Responsibility: In Search of an Ethic for the Technological Age* (University of Chicago Press, 1993); o sociólogo Manfred Stanley com sua obra *The Technological Conscience: Survival and Dignity in an Age of Expertise* (University of Chicago Press, 1981); e Hans Küng, conhecido teólogo católico, mencionado acima, autor de inúmeras obras teológicas e que foi o mentor e redator da famosa *Declaração para uma Ética Global*, documento final do Parlamento Mundial das Religiões, que se reuniu em Chicago em 1993¹³.

É sobre este último autor que Potter vai tecer alguns comentários que nos interessam aqui na perspectiva de construção de uma ponte entre a ciência e a religião. Potter tem uma apreciação crítica em relação à perspectiva da ética global de Küng. Afirma que, no cerne da moral religiosa defendida por Küng, não está incorporada a preocupação com o rápido crescimento populacional. Destaca que, entre as maiores religiões mundiais, em particular o Catolicismo e o Islamismo, estão entre as que mais contribuem para a “atual e assustadora taxa de crescimento populacional”.

¹² Id., lb. p. 3.

¹³ KUNG H.; SCHMIDT, H. (Edited by). *A Global Ethic and Global Responsibilities. Two Declarations*, SCM Press Ltd, London, 1998. Ver a íntegra desta declaração em português na nossa obra: PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. 10. ed., Ed. Loyola/Editora do Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Conferir especialmente o Capítulo sobre Bioética e Religiões, p. 127-147.



Segundo Potter, somente a ciência tem as técnicas para analisar as mudanças populacionais e seu impacto. Hans Küng, pelo menos ao formular uma Ética Global, apontou que a sobrevivência humana é uma questão chave, idéia esta que nenhum outro teólogo até então sequer tinha mencionado. Embora outros líderes religiosos tenham proclamado que a vida é sagrada e têm defendido os direitos humanos, somente Küng colocou a sobrevivência humana na agenda da reflexão ética. Os cientistas, por sua vez, há muito tempo abraçaram, no coração de seus esforços, o desafio do bem-estar humano e implicitamente a sobrevivência humana, portanto estão credenciados para colaborar na causa pela sobrevivência humana e da biosfera.

Potter vai além ao dizer que, não somente os teólogos, mas também os filósofos seculares falharam em pensar sobre a sobrevivência humana e da biosfera como uma questão ética. A reflexão ética ficou restrita a relações interpessoais ou sociais entre os humanos, excluindo, portanto questões de comportamento relacionadas com o crescimento populacional e problemas ecológicos. Potter destaca como importante da famosa Declaração sobre Ética Global: não pode haver sobrevivência sem uma ética mundial; não existirá paz mundial sem a paz entre as religiões e uma aliança entre crentes e não-crentes (ateus, agnósticos e outros) respeitando-se mutuamente, concórdiar necessária para a concretização de uma ética mundial comum a todos os humanos.

“Os cientistas devem aplaudir os esforços de Hans Küng ao apontar para a construção de uma aliança reconciliatória entre crentes e aqueles que não são fundamentalmente caracterizados como religiosos, incluindo entre estes, penso, a maioria dos cientistas. Precisamos unir as forças frente à responsabilidade global da sobrevivência humana e seu apelo pelo ‘respeito mútuo’, necessário para uma ética mundial comum.”¹⁴

Em vários de seus escritos, Potter manifesta uma profunda preocupação com o rápido crescimento da população mundial, lembrando que os demógrafos projetam que para meados do século XXI a população do mundo dobrará. A abordagem desta questão revela o lado de um militante obcecado com a questão populacional, que tem um viés um tanto alarmista. Hoje, a questão demográfica tem uma série de novos fatores cruciais que preocupam, que Potter nem sequer mencionou. Sua pregação de que

¹⁴ POTTER V. R. Science, Religion Must Share Quest For Global Survival. *The Scientist*, 1994, 8, (10), p. 7.



o crescimento populacional deveria ser interrompido, fica ironicamente visível na placa de seu velho carro, na inscrição das letras YES ZPG (*Zero Population Growth*), que significa Sim, crescimento populacional zero¹⁵. No seu credo bioético, que apresentamos na íntegra mais adiante neste trabalho, explicita que o compromisso em relação à saúde pessoal e familiar, se expressa em “*limitar os poderes reprodutivos de acordo com objetivos, nacionais e internacionais*”. Potter pensa que a gravidade do problema da superpopulação, não poderá ser resolvida enquanto as maiores religiões se opuserem a qualquer tentativa de limitação da fertilidade. Claro que este diálogo entre ciência e religião não é fácil, e se pergunta se não se poderia construir um consenso e uma aceitação política pelos governos. A busca por uma ética mundial, partilhada tanto pela religião como pela ciência, não poderia ser expressa em princípios concretos para a ação? Fica a inquietação angustiante desta busca, porém sem a certeza de se encontrar uma resposta satisfatória, no presente momento histórico. Neste diálogo entre ciência e religião, sintetizando as questões-chaves desta questão, vale destacar o que Potter diz a propósito da “Declaração das Religiões sobre uma Ética Global”.

*“Estamos conscientes de que as religiões não podem resolver os problemas econômicos, políticos e sociais da terra. Contudo, elas podem prover o que não podemos conseguir através dos planos econômicos, programas políticos e regulamentações legais. As religiões podem causar mudanças na orientação interior, na mentalidade, nos corações das pessoas, e levá-las para a conversão de um falso caminho rumo a uma nova orientação de vida. As religiões, também, são capazes de dar às pessoas um horizonte de sentido para suas vidas e um lar espiritual. Certamente as religiões podem agir com credibilidade somente quando eliminarem os conflitos que surgem entre elas mesmas e desmantelarem imagens hostis e preconceitos, medos e desconfianças mútuas.”*¹⁶

Enfim, a Ciência e a Religião, ambas têm uma longa batalha histórica, de hegemonia pela verdade¹⁷. Quando hegemônica, uma tenta negar a outra, agora precisam andar juntas, de mãos dadas em função de um

¹⁵ WHITEHOUSE, P. *In Memoriam*. Van Rensselaer Potter: The original Bioethicist. *Hastings Center Report*, nov.-dec. 2001, p. 12.

¹⁶ POTTER V. R. Science, Religion Must Share Quest For Global Survival. *The Scientist*, 1994, 8, (10), p. 11.

¹⁷ PETERS, T; NENNETT, G. (Orgs.) *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Editora Unesp; Edições Loyola, 2003. Trata-se de uma excelente obra multidisciplinar que nos posiciona frente a esta questão secular.



objetivo maior, uma causa que interessa a toda a humanidade: garantir o futuro da vida (humana e cósmico-ecológica) no planeta Terra.

Um dos documentos mais reveladores da personalidade de Potter, que fez da bioética sua causa de vida e conclama os seus seguidores a fazer o mesmo, se quiserem ser chamados de bioeticistas, se expressa no chamado “*credo bioético*” Poteriano (PESSINI, 2006).

1.4 O *credo* bioético de Potter¹⁸

1. Creio na necessidade de uma ação terapêutica imediata para melhorar este mundo afligido por uma grave crise ambiental e religiosa.

Compromisso: Trabalharei com os outros para aperfeiçoar a formulação de minhas crenças, desenvolver credos adicionais e procurar um movimento mundial que torne possível a sobrevivência e o aprimoramento do desenvolvimento da espécie humana, em harmonia com o meio ambiente natural e com toda a humanidade.

2. Creio que a sobrevivência futura bem como o desenvolvimento da humanidade, tanto cultural, quanto biologicamente, é fortemente condicionado pelas ações do presente e planos que afetam o meio ambiente.

Compromisso: Tentarei adotar um estilo de vida e influenciar o estilo de vida dos outros, bem como ser promotor de um mundo melhor para as futuras gerações da espécie humana, e tentarei evitar ações que coloquem em risco seu futuro, ao ignorar o papel do meio ambiente natural na produção de alimentação e fibras.

3. Creio na unicidade de cada pessoa e na sua necessidade instintiva de contribuir para o aprimoramento de uma unidade maior da sociedade, de forma que seja compatível em longo prazo com as necessidades da sociedade.

Compromisso: Ouvirei os pontos de vistas dos outros, sejam estes de uma minoria ou de uma maioria, e reconhecerei o papel do compromisso emocional em produzir uma ação efetiva.

4. Creio na inevitabilidade do sofrimento humano que resulta da desordem natural das criaturas biológicas e do mundo físico, mas não

¹⁸ POTTER V. R. *Global Bioethics: Building on the Leopold Legacy*. Appendix 2 – A bioethical Creed for Individuals. p. 193-195.



aceito passivamente o sofrimento que é resultado da desumanidade do homem para com o próprio homem.

Compromisso: Enfrentarei meus próprios problemas com dignidade e coragem. Assistirei os outros na sua aflição e trabalharei com o objetivo de eliminar todo sofrimento desnecessário na humanidade.

5. Creio na finalidade da morte como uma parte necessária da vida. Afirmo minha veneração pela vida, creio na fraternidade humana e tenho uma obrigação para com as futuras gerações da espécie humana.

Compromisso: Viverei de uma forma tal que será benéfica para as vidas de meus companheiros humanos de hoje e do futuro, e serei lembrado com carinho pelos meus entes queridos.

6. Creio que a sociedade entrará em colapso se o ecossistema for danificado irreparavelmente, a não ser que se controle mundialmente a fertilidade humana, devido ao aumento concomitante na competência de seus membros para compreender e manter a saúde humana.

Compromisso: Aperfeiçoarei as habilidades ou um talento profissional que contribuirão para a sobrevivência e aprimoramento da sociedade e manutenção de um ecossistema saudável. Ajudarei os outros no desenvolvimento de seus talentos potenciais, mas ao mesmo tempo cultivando o auto-cuidado, autoestima e valor pessoal.

7. Creio que cada pessoa adulta tem uma responsabilidade pessoal em relação à sua saúde, bem como, uma responsabilidade para o desenvolvimento desta dimensão da personalidade em sua descendência.

Compromisso: Esforçar-me-ei por colocar em prática as obrigações descritas como compromisso bioético para a saúde pessoal e familiar. Limitarei meus poderes reprodutivos de acordo com objetivos, nacionais ou internacionais.

As palavras finais de Potter do vídeo apresentado no IV Congresso Mundial de Bioética (Tóquio, 1998), constituem-se numa agenda e desafio futuro para a bioética. Resgatamos esta fala ao concluirmos a apresentação de sua pessoa, obra e legado para a bioética:

“À medida que chego ao ocaso de minha experiência, sinto que a bioética ponte, a bioética profunda e a bioética global, alcançaram o umbral de um novo dia que foi muito além daquilo que eu imaginei. Sem dúvida, necessitamos recordar a mensagem do ano de 1975 que enfatiza a humildade com responsabilidade como uma bioética básica que logica-



mente segue da aceitação de que os fatos probabilísticos, ou em parte a sorte, têm consequências nos seres humanos e nos sistemas viventes. A humildade é a consequência característica que assume o “posso estar equivocado”, e exige a responsabilidade de aprender da experiência e do conhecimento disponível. Concluindo, o que lhes peço é que pensem a bioética como uma nova ética científica que combina a humildade, responsabilidade e competência, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural e que potencializa o sentido de humanidade”¹⁹.

Uma declaração de ouro que Potter nos presenteia no ocaso de sua vida, e que é de uma atualidade indiscutível. Passamos a seguir a explorar a figura de outro protagonista em busca das origens da bioética, Fritz Jahr, com seu escrito histórico de 1927.

2 Descobrimo a figura e as intuições originais de Fritz Jahr

2.1 Alguns dados sobre a descoberta de Fritz Jahr

Até muito recentemente, o bioquímico norte-americano Van Rensselaer Potter (1911-2001) era reconhecido como sendo a primeira pessoa que tinha utilizado o neologismo “*bioethics*”. In 1997, contudo, o professor Rolf Lothar da Universidade Humboldt de Berlin, numa conferência em Tübingen, menciona o nome de Fritz Jahr, a quem Lothar credita ter cunhado a palavra *Bio-Ethik* em 1927. Segundo seu relato, Lothar ouviu pela primeira vez o termo “bioética” no início dos anos 90 do século passado. Uma vez que o termo lhe pareceu de alguma forma familiar, começou a procurar na pilha dos números publicados do famoso periódico *Kosmos*, deixado pelo seu avô, onde encontrou o editorial do volume de 1927 e o histórico artigo de Fritz Jahr intitulado “*Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas*”.

A notícia sobre a descoberta de Fritz Jahr eventualmente espalhou-se, graças ao trabalho de Eve-Marie Engels da Universidade de Tübingen, que organizou o congresso do qual Lothar participou e cujos anais editou. Engels menciona a descoberta de Lothar num artigo sub voce “*Bioethik*” no *Metzler Lexicon* em 1999 e num artigo de 2001.

¹⁹ Van Rensselaer POTTER. *O Mundo da Saúde* 1998; 22, (6): 374. Este texto é o Script de um vídeo que Potter preparou exclusivamente para o IV Congresso Mundial de Bioética, realizado em Tóquio, nov 1998.



Este artigo foi traduzido em português e republicado em 2004 na revista brasileira “Veritas” de Porto Alegre (Eve-Marie-Engels. “O desafio das biotecnias para a ética e a antropologia”, Veritas (Porto Alegre) 50, no. 2 (2004): 205-228). Este texto chamou a atenção do biólogo José Roberto Goldim que vai escrever o artigo “*Bioética? Origens e complexidade*” para a Revista do hospital de Clínicas de Porto Alegre 26, ano. 2 (2006): 86-92. Na prestigiosa revista científica *Perspectives in Biology and Medicine* 52(2009): 377-380 escreveu: Revisitando o início da bioética: da contribuição de Fritz Jahr (1927) (“*Revisiting the beginning of bioethics: the contribution of Fritz Jahr (1927)*”)

Temos uma análise mais detalhada das idéias de Jahr, elaborada por Hans-Martin Sass, conterrâneo de Jahr e que trabalhou por longos anos no Instituto Kennedy de Bioética em Washington, D.C. Enquanto o pensamento de Fritz Jahr começa a ser investigado, sua vida é ainda um mistério a ser decifrado. Uma pesquisa preliminar dos arquivos na casa de Jahr em sua cidade natal de Halle, Alemanha, trouxe muitos fatos interessantes de que falaremos a seguir.

Paul Max Fritz Jahr nasceu em 18 de janeiro de 1895, em Halle, Alemanha Central, onde ele passou toda a sua vida, embora trocando de endereço muitas vezes. Hoje esta cidade tem aproximadamente 234 mil habitantes. Seus pais, Gustav Maximilian (1865-1930) e mãe, Auguste Marie Langrock (1862-1921) eram protestantes, mas Fritz foi batizado segundo o ritual católico. Seus estudos iniciais foram feitos na Fundação Francke, ligada ao pietismo protestante de seus idealizadores (August Hermann Francke e Phillipp Jakob Spener); na Universidade, Jahr estudou filosofia, música, história, economia nacional e teologia. Durante o verão de 1915 ele trabalhou como voluntário de guerra e, em 19 de março de 1921, ele recebeu as sagradas ordens, como pastor.

Jahr começou a ensinar em 1917. Até 1925 ele trabalhou como professor em 11 diferentes escolas de ensino elementar. A partir de 1925, começou a ser atuante na Igreja. Os primeiros quatro anos ele foi cura da Igreja St. John em Dieskau (perto de Halle), mais tarde, 1929-1930 em Braunsdorf, e finalmente 1930-1933, pastor em Kanena. Deve ter sido um tanto sofrido para ele, pois, antes de subir ao púlpito para pregar, sentia tonturas que o obrigavam a medicar-se.

Em 26 de abril de 1932, Jahr casou-se com Berta Elise Neuholz e não tiveram filhos. Viveram na Albert-Schmidt-Strasse 8, Halle, endereço em que Jahr passara a residir em 1923, quando tinha 18 anos. Neste



local ele vive primeiramente com os seus pais e mais tarde, até 1930, somente com seu pai, que era maníaco-depressivo. Em 1932, tempos turbulentos para a Alemanha, Fritz se aposenta dos serviços da Igreja, devido a “exaustão nervosa”. Em 1 de março de 1922, aos 38 anos, ele se afasta definitivamente do serviço, somente um mês após Hitler ter assumido o poder na Alemanha. Durante a guerra, a sua família passa por dificuldades financeiras, agravadas pelo sofrimento de sua esposa que sofria de esclerose da coluna vertebral. Ela vivia numa cadeira de rodas e morreu em 18 de junho de 1947. Fritz Jahr passou seus últimos anos de vida trabalhando como professor de música. Suas qualidades pedagógicas eram profundamente apreciadas. Fritz Jahr morreu em 1 de outubro de 1953 aos 58 anos de idade em sua casa em Halle (MUZUR & RINCIC, 2011).

A década de 20 do século passado foi um momento complicadíssimo em termos políticos, econômicos e culturais na Alemanha e Europa. A Grande Depressão começava e os Nazistas estavam no processo de assumir a política, a sociedade e a opinião pública. Segundo Hans Martin Sass, naquela época, há 85 anos,

“Jahr torna claro que o conceito, cultura e missão da bioética estão com a humanidade, talvez, desde os tempos pré-históricos e não foi herança de uma cultura ou de apenas um continente: o respeito ao mundo da vida, aos seres humanos, às plantas, aos animais, ao ambiente natural e social e à terra, a reverência taoísta à natureza, a compaixão budista, com todas as formas de sofrimento da vida, o chamado de Francisco de Assis para a fraternidade com as plantas e os animais, a filosofia de Albert Schweitzer do respeito por todas as formas de vida, são exemplos primordiais da profunda compaixão humana com a vida inanimada e do comprometimento humano em respeitar outras formas de vida” (SASS, Post Scriptum, 2012, p. 484).

2.2 O nascimento da bioética chamada “integrativa”

Começam a surgir publicações em torno de Fritz Jahr bem como eventos científicos, entre os quais destacamos o “1º. Congresso Internacional sobre Fritz Jahr e as raízes europeias da bioética” que foi realizado na Croácia, na cidade portuária de Rijeka de 11-12 de março de 2011. Nesta mesma bela cidade portuária do mar Adriático foi realizada em 2008 o **VIII Congresso Mundial de Bioética**, organizado pela As-



sociação Internacional de Bioética. Fruto do congresso sobre Fritz Jahr foi a Declaração de Rijeka em que os participantes afirmam:

“Fritz Jahr já utilizou o termo ‘bioética (“Bio-Ethik”) em 1927. Seu ‘imperativo bioético’ (respeite todos os seres vivos como um fim em si mesmo, e trate-os, se possível, como tal!) deve orientar a vida pessoal, profissional, cultural, social e política, bem como o desenvolvimento e a aplicação da ciência e da tecnologia.”

Os assinantes da Declaração de Rijeka afirmam que a bioética contemporânea por vezes ficou reduzida ao âmbito das questões de ética médica (consentimento informado, princípios, relação médico-paciente, direitos do paciente, etc) e que necessitamos de uma ampliação desta bioética. Por isso, introduzem o conceito de **bioética integrativa**. *“É necessário que a bioética seja substancialmente ampliada e transformada conceitual e metodologicamente, para que possa considerar as diferentes perspectivas culturais, científicas, filosóficas e éticas (abordagem pluralista), integrando estas perspectivas em termos de conhecimentos que orientem e de ações práticas (abordagem integrativa)”*. Segue a nota afirmando: *“Esta bioética integrativa terá que harmonizar, respeitar e aprender com a rica pluralidade de perspectivas individuais e coletivas, e com as culturas da comunidade global”*.

Almeja-se que a bioética se torne *“um campo verdadeiramente aberto de encontro e diálogo de várias ciências e profissões, visões e perspectivas de mundo, que foram reunidas para articular, para discutir e para resolver questões éticas relacionadas à vida como um todo e em cada de suas partes, em todos os seus tipos, formas, estágios e manifestações, bem como às suas condições em geral”*.

Almejando o reconhecimento e o crescimento da bioética, esta se *“tornará uma ‘ponte para o futuro’, uma ‘ciência da sobrevivência’, uma sabedoria como maneira de utilizar o conhecimento”* (como Van R. Potter definiu no início dos anos 70) da medicina e da tecnologia modernas (JAHR, 2011, p. 587).

2.3 Fritz Jahr: “O Imperativo Bioético” – nas origens da Bioética

Relembrando, reconectando os fatos e alinhando os acontecimentos históricos do início da bioética nos EUA, sabemos que a histórica



publicação do livro *Bioethics: Bridge to the Future* (Bioética: Ponte para o futuro) por Van Rensselaer Potter (Madison, WI) em 1971 e a criação do Instituto Kennedy de Ética na Universidade Georgetown (Washington, D.C.) em 1971 por André Hellegers, com o apoio de Sargent Shriver e da Família Kennedy, são os fatos que marcam oficialmente o “nascimento” do termo e conceito de bioética naquele país. Pesquisa realizada pelo estudioso pioneiro da bioética nos EUA, Warren Reich, que é o editor-chefe das duas primeiras edições da Enciclopédia de Bioética, identifica Potter, Hellegers e Shriver – como “pais” da bioética nos EUA. Menciona-se um duplo local de nascimento: Madison-WI e Washington DC.

Recentes pesquisas no âmbito da bioética nos trazem uma grande novidade em relação às suas origens. Somos levados a recuar no tempo e na história e encontrar em 1927, na Alemanha, em Halle an der Saale, Fritz Jahr. Ele é um pastor protestante, filósofo e educador que publicou no influente periódico científico alemão, *Kosmos*, um artigo intitulado: “*Bio-Ethics: A Review of the Ethical Relationships of Humans to Animals and Plants*” (Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas). Nesta publicação, Jahr propõe um “*Imperativo Bioético*”, ampliando o imperativo moral de Kant: “*Age de tal modo que consideres a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa dos outros, sempre como fim e nunca como simples meio*, para todas as formas de vida. “*Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal*” é o imperativo bioético de Jahr. O conceito de bioética de Jahr inclui essencialmente todas as formas de vida, não exclusivamente o ser humano.

Segundo Diego Gracia, ilustre bioeticista espanhol, teríamos duas diferenças básicas do “*Imperativo bioético*” de Jahr em relação a Kant.

“A primeira é que inclui a todos os seres vivos na categoria de fins em si mesmos, em vez de relegar todos os não humanos à categoria de simples meios. Segundo, Jahr não formula o imperativo em termos categóricos, mas em termos hipotéticos. Diz que se deve tratar como fins em si mesmos, “na medida do possível”. Consequentemente a bioética de Jahr não pertence às chamadas “éticas da convicção”, como Max Weber algum ano antes denominou, mas sim faz parte das chamadas “éticas da responsabilidade”. Não é por acaso que Jahr utiliza frequentemente o termo responsabilidade para dar o seu enfoque específico de bioética” (GRACIA, 2011, p. 210).



Jahr, ao refletir sobre o crescente progresso da fisiologia de seu tempo e os desafios morais relacionados com o desenvolvimento de sociedades sempre mais seculares e pluralistas, redefine as obrigações morais em relação a todas as formas de vida, humanas e não humanas, criando um conceito de bioética, como uma disciplina acadêmica, princípio e virtude. Embora Jahr não tivesse exercido uma influência histórica como era de se esperar, pois viveu em tempos turbulentos, tanto política quanto moralmente, sua visão e argumentos éticos, de que uma nova ciência e tecnologia exigem uma nova reflexão (e solução), ético-filosófica, são uma contribuição esclarecedora para a terminologia, incluindo o entendimento das dimensões “*geo-éticas*” da bioética.

O pensamento de Jahr em relação ao Imperativo bioético está espalhado em inúmeros de seus escritos e ele não fez uma apresentação sistemática de seu Imperativo. Nesta perspectiva é muito útil ver como Hans-Martin Sass tenta elaborar uma leitura coerente e interpretativa do imperativo bioético. Ele identifica pelo menos seis aspectos na perspectiva de Jahr em expandir o imperativo de Kant:

“1) O Imperativo Bioético guia as atitudes éticas e culturais bem como as responsabilidades nas ciências da vida e em relação a todas formas de vida (...)

2) O imperativo Bioético fundamenta-se na evidencia histórica de que a compaixão é um fenômeno empiricamente estabelecido da alma humana. (...)

3) O Imperativo Bioético fortalece e complementa o reconhecimento moral e os deveres em relação aos outros no contexto Kantiano e deve ser seguido em respeito à cultura humana e às obrigações morais mútuas entre os humanos (...).

4) O Imperativo Bioético tem que reconhecer, administrar e cultivar a luta pela vida entre as formas de vida e contextos de vida natural e cultural. (...).

5) O Imperativo Bioético implementa a compaixão, o amor e a solidariedade entre todas as formas de vida como um princípio fundamental e virtude da regra de ouro do Imperativo Categórico de Kant, que são recíprocos e não somente formais (...).

6) O Imperativo Bioético inclui obrigações em relação ao próprio corpo e alma como um ser vivo” (SASS, 2009, p. 22).

Nos anos em que Jahr escrevia, estavam se estabelecendo os conceitos fundamentais da física atômica, o que pouco depois levaria à construção das primeiras armas nucleares. Quando em 1945 foram joga-



das em Hiroshima e Nagasaki, e na década seguinte apareceram outras bombas muito mais potentes, as denominadas bombas de hidrogênio, a humanidade começou a reconsiderar suas relações com a vida e o meio ambiente. Pela primeira vez na história o ser humano se via com a capacidade técnica necessária para exterminar a vida da face da terra. A vida em geral, e não somente a vida humana, começava a se converter num problema. Isto fez com que se disparassem vários alarmes e surgissem vários movimentos dedicados a promover a “responsabilidade da ciência”. Os novos avanços da tecnociência trouxeram novos problemas e estes exigiam necessariamente uma nova Ética. Se a primeira metade do século XX foi a idade de ouro da Física, a segunda seria a idade de ouro da Biologia molecular (GRACIA, 2011, p. 210).

É importante registrar que o conceito de bioética não foi pronta e facilmente aceito na Alemanha. Era considerado por demais controverso (“*produto americano*”). Somente a partir de 1986 o termo é oficialmente introduzido e passa a ser utilizado com mais frequência. É justamente um compatriota de Jahr, o bioeticista alemão Hans-Martin Sass, que há anos trabalha no Instituto Kennedy de bioética em Washington D.C., nos EUA, que resgata do silêncio da história a figura de Fritz Jahr, bem como seu arrojado e avançado conceito de bioética (1927), cuja visão está no centro de todos os debates bioéticos neste início de século XXI (PESSINI; BARCHIFONTAINE; HOSSNE; ANJOS, 2012).

3 Hans Jonas: O principio da responsabilidade

“Quando a esperança não é mais a inspiração, então talvez seja o medo o que pode nos conduzir à razão...”

HANS JONAS

3.1 Itinerário intelectual e sua obra fundamental

Hans Jonas (1903-1993) nasceu na Alemanha, filho de imigrantes judeus. Foi aluno de Martin Heidegger na Universidade de Freiburg (1921-23) e na Universidade de Marburg (1924-1928). Entre os anos de 1940-45 foi soldado da brigada judia do exército Britânico. Em 1949, transferiu-se para o Canadá, onde foi professor visitante nas Universidades de Montreal e Ottawa. Em 1955 mudou-se para os Estados Unidos, em Nova York, e faleceu nesta cidade em 1993, aos 90 anos. Hans Jonas foi marcado por uma forte influência do pensamento de Heidegger, da



fenomenologia de Husserl, dos estudos históricos com Rudolf Bultman, além de pertencer ao círculo intelectual de Hannah Arendt, Karl Jaspers, entre outros.

Sua experiência com o holocausto provocou profundas mudanças na compreensão da existência humana diante do progresso científico e tecnológico. Sua reflexão filosófica e ética tem atrás de si uma grande tragédia de destruição da humanidade, ou seja, a II Guerra mundial que dizimou quase 100 milhões de seres humanos. Jonas elabora sua reflexão na esteira da preocupação e “medo” pela destruição atômica. No imediato pós-guerra, na segunda metade do séc. XX, existia um pavor generalizado diante do novo poder de destruição, que se concretizou com a invenção da Bomba Atômica. O ser humano dava-se conta de ter poder e ser capaz de destruir a si próprio e ao mundo ao seu redor.

A obra fundamental e mais famosa de Hans Jonas é “**O Princípio Responsabilidade: ensaio para uma ética para a civilização tecnológica**”, publicada em 1979 em alemão, com tradução para o Inglês em 1994, e para o português em 2006 (JONAS, 2006) Esta obra se constitui na Bíblia da primeira geração tecnológica insatisfeita do após Guerra. E constituiu-se num grande sucesso editorial para além do campo filosófico. Sua 1ª. versão intitulada *Tractatus Ethico-Politicus*, lida por Hannah Arendt, filósofa alemã, sua amiga, assim saúda a obra: “*Antes de começarmos a falar de pormenores, quero dizer que uma coisa eu tenho clara: este livro é aquele que o bom Deus tinha em mente para ti. “E está deliciosamente escrito”*”.

Jonas foi um dos filósofos que ganhou mais notoriedade no período pós-guerra na Alemanha. Como nenhum outro pensador de sua época, Jonas chamou atenção para um dos problemas mais sérios postos à ética no século XXI: o problema da ameaça do futuro da humanidade, a “autodestruição do planeta”, causada pelo conceito moderno de progresso (saber é poder) com a exploração da natureza pela técnica.

A proposta de Hans Jonas em sua obra fundamental, *O Princípio da responsabilidade* é a de “*elaborar uma nova ética para a civilização tecnológica pautada pelo princípio da responsabilidade*”. Uma nova ética para os novos tempos supera “a ética antropológica”, e nasce uma “ética bio-cosmocêntrica”, em que o horizonte de referência não é mais apenas o ser humano, circunscrito ao aqui e agora, do tempo presente (Ética tradicional), mas a vida do cosmos, com todos os seres vivos, o mundo da biosfera (extra-humano) no futuro.



Para Jonas, a técnica adquiriu na contemporaneidade atributos que eram típicos da divindade na antiguidade, “onipotência e onipresença”. Assiste-se ao inescrupuloso extermínio da natureza e à desumanização do ser humano. Para ele, a técnica não é algo em si, ruim, nem poderia ser rotulada, à “*priori*”, de má”! É o seu mau emprego que gera consequências negativas e danosas para o próprio ser humano. Perante o caráter apocalíptico e catastrófico da técnica bem sucedida, devemos refletir, desenvolver uma postura de reverência e temor. Temos aqui desenhado um dos principais conceitos do pensamento Jonasiano, o conceito de “*Heurística do temor*”, que abordaremos mais adiante.

O pensamento Jonasiano chama a atenção ao fato de a tecnologia crescentemente ser vista como “vocação e novo imperativo” da humanidade. Diante dessa tendência, assinala que o *homo faber* (cerne da técnica, mas depois por ela de algum modo subjugado) se pôs acima do *homo sapiens*, do humano inteligente e de bom senso. Assim, ao analisar os efeitos da tecnologia em relação à natureza e ao ambiente externo, pondera as repercussões desta no ser humano e em sua essência, quando este se transforma em “objeto da técnica”, ou seja, o ser humano, ao mesmo tempo que cria e desenvolve “artefatos” que facilitam a sua vida, como máquinas, aparelhos e instrumentos de comunicação e outros, se torna cada vez mais aprisionado por suas próprias criações. Para Jonas, o ser humano na era da técnica é representado pela imagem de Prometeu desacorrentado. Liberado do castigo eterno dos grilhões e da ave de rapina que vem lhe devorar o fígado, agora ele está entregue unicamente a si mesmo.

Diz Jonas nas primeiras páginas da introdução de sua obra fundamental, “O Princípio da Responsabilidade”:

“O Prometeu definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere poderes jamais conhecidos e a economia um impulso irrefreável, clama por uma ética que através de freios voluntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos. A tese de partida deste livro é a premissa de que a técnica moderna se converteu em ameaça, ou que esta se juntou àquela de modo indissolúvel, eis o que configura essa tese fundamental (JONAS, O Princípio da Responsabilidade, p. 21).

Vivemos hoje numa sociedade de risco, em que cada novo passo adiante no domínio da natureza, implica não apenas prudência, mas também precaução responsável. Perguntamo-nos se, no futuro, a com-



paixão, a solidariedade e o cuidado não serão preteridos em favor da busca e sedução biotecnológica. Hans Jonas, visionário de um futuro a ser construído superando o descaso para com a natureza e a desumanização humana, nos convida a fugir da superficialidade das aprovações ou condenações frívolas, superando aspectos ideológicos, utópicos e fundamentalistas, do aqui e agora de nossa história, e avançar mediante o diálogo respeitoso frente ao diferente e diverso, com base no princípio da responsabilidade. Esta perspectiva sem dúvida pode ser fator de superação de utopias que semeiam e alimentam uma visão apocalíptica de destruição da humanidade. O compromisso de todos com a dignidade do ser humano e com o futuro (as gerações futuras são consideradas por Jonas como sendo nosso próximo) da vida no planeta nos ajuda a fazer a passagem do imperativo técnico-científico, para o imperativo ético da responsabilidade.

3.2 Algumas características do Princípio da Responsabilidade

Jonas propõe um dever moral de responsabilidade com a existência humana futura, colocando a responsabilidade no centro da ética. O objeto da ética não se circunscreverá apenas ao bem humano, mas se estenderá ao bem das coisas extra-humanas, abarcando a biosfera. O seu ponto de partida é a “heurística do temor”, como um sentimento fundador da responsabilidade e essa, como força capaz de moldar um imperativo ético para este novo tempo.

Para Jonas o imperativo categórico de Kant, apresenta uma preocupação somente com o presente, não incluindo as gerações futuras. O imperativo Jonasiense é assim apresentado: “*Age de modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra*”. Ou em termos negativos: “*Age de modo que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a futura possibilidade desta vida*”, ou simplesmente: “*Não ponhas em perigo as condições necessárias de continuidade indefinida da humanidade sobre a Terra*”; ou, outra vez formulado positivamente: “*Inclui em tua escolha presente, a futura integridade do homem, como um dos objetos do teu querer*” (JONAS, O Princípio reponsabilidade, 2006, p.47-48).

Podemos destacar as palavras-chave de cada uma dessas formulações: 1ª. *autenticidade*, a 2ª. *possibilidade*, a 3ª. *continuidade* e a 4ª. *integridade*. São diferentes formulações do mesmo “princípio responsa-



bilidade”, que ele também chama também de “imperativo”. Ao comparar com o Imperativo categórico Kantiano, ele diz:

“O imperativo categórico de Kant se endereçava ao indivíduo e seu critério era momentâneo (...). O novo imperativo invoca outra coerência: não aquela do ato em acordo com ele mesmo, mas aquela de seus ‘efeitos’ últimos para a continuidade da atividade humana no futuro. (...) nosso imperativo se estende em direção a um previsível futuro concreto, que constitui a dimensão inacabada de nossa responsabilidade” (JONAS, O princípio responsabilidade, 2006, p. 48-48).

O imperativo é tomado como um axioma, sem justificação ou maior fundamentação. O arquétipo de responsabilidade total é o recém-nascido, face à sua total vulnerabilidade e radical dependência dos pais, e ao mesmo tempo seu profundo traço/marca impresso como alteridade “presente”. A sua total vulnerabilidade exige cuidados e se torna mais forte ainda porque o estado da criança está fora dos parâmetros de reciprocidade (alteridade assimétrica). e se insere no contexto de uma relação de gratuidade, tipificando a materialização mais profunda do sentimento de proteção e acolhida daquele pequenino ser, no caso em questão, um bebê. Sem este cuidado, o bebê não sobreviverá, mas morrerá.

Assim se expressa Jonas:

“O recém-nascido reúne em si a força do existente, que se auto reconhece e a queixosa importância do ‘não ser ainda’, o incondicional fim de todos os viventes e o ‘ainda ter de se tornar’ das suas próprias capacidades, para garantir aquele fim. Esse ‘ter de se tornar’ é um estado intermediário – uma suspensão do ser indefeso sobre o não ser – que uma causalidade externa terá de socorrer. Na insuficiência radical do recém-nascido está previsto ontologicamente que seus pais o protejam contra sua queda no nada e que se encarreguem de seu devir futuro. A aceitação desse encargo estaria contida no ato da procriação. Sua observância (mesmo que por meio de outras pessoas) torna-se um devir irrecusável diante de um ser cuja existência autônoma depende dele inteiramente”. (JONAS, O princípio responsabilidade, 2006, p. 223-224).

Outra definição que Jonas dá de responsabilidade, muito interessante, é esta: “o cuidado que se tem por dever para com algum outro ser que, uma vez ameaçado, faz com que o cuidado se converta em preocupação diligente” (JONAS, 1979, p. 91).



3.3 A heurística do temor

Diz Jonas que *“quando a esperança não é mais a inspiração, então talvez seja o alerta do medo o que pode nos conduzir à razão”*. Para isto ele propõe que façamos uma heurística do temor, ou seja, sem o pressentimento do futuro, o presente seria uma terra sem cuidados. Numa época, em que falamos do *“crepúsculo do dever”* (LIPOVETSKY, 2005), da *“liquidificação”* das relações – tudo se torna líquido, fluido, gasoso – (BAUMAN, 2011), da política e da liberdade, parece não haver mais sentido em defendermos princípios para a ética. Nas Cartas sobre o humanismo, a ideia heideggeriana de *‘pastor do ser’* adquire uma dimensão pedagógica em Jonas. Em Heidegger temos um apelo quase desesperado e dominado pela descrença para encontrar uma saída para a técnica, temos a angústia que quase nos paralisa. Em Jonas estamos diante de uma urgência quase apocalíptica, a heurística do temor, como substituto das projeções anteriores de esperança, nas promessas de redenção utópica da moderna tecnologia. Neste contexto fica evidente o resgate da ideia de Heidegger de sermos o *“pastor do ser”*.

Estaria Jonas fazendo apologia do temor? Jonas constata que valorizamos a vida como algo sagrado, na medida em que conhecemos o que é sua aniquilação, ou, por exemplo, por meio do mandamento *‘não matarás’*. A perda de algo ou a mera representação de sua perda provoca instantaneamente uma valorização do mesmo objeto em questão.

Da mesma maneira, sabemos o que significa a liberdade por conhecermos o que é a sua falta, quando, por exemplo, ficamos presos numa prisão ou doentes num leito de hospital. Tais privações reais ou fictícias podem ter um efeito positivo sobre nossa disposição e modo de agir. *“Nós precisamos de ameaças à imagem humana (...) para que, com o pavor suscitado, nós consigamos assegurar uma imagem humana autêntica”*. (JONAS, 1984, p. 63). Segue ainda Jonas: *“Sobre o mal, nós não temos incertezas quando o experimentamos; sobre o bem, temos certeza, na maioria das vezes, quando dele nos desviamos”* (JONAS, p. 63-64, 1984).

O mal, imaginado como consequência de nossas opções e ações (no futuro), deveria servir de contraponto ao agir concreto aqui e agora. Este mal imaginado deve assumir um caráter de mal experimentado. Eis o que o temor, segundo Jonas, pode oferecer enquanto princípio



heurístico. Com isso, o primeiro dever da ética do futuro é: entrever ou vislumbrar os efeitos de longo prazo de nossas ações.

Para Jonas, a prudência “*é o cerne do nosso agir moral*”. Ele se utiliza da heurística do medo para fazer frente ao poder de evolução evocado pela técnica: trata-se de uma distorção hipotética da condição futura do Ser optando pela primazia do mau prognóstico, pois “*é necessário dar mais profecia da desgraça do que da salvação*” (JONAS, 2006, p. 77). Ao refletirmos sobre as ameaças, vislumbrando o mal, podemos escolher a melhor ação para o presente. O medo aqui tem sentido de aprendizado, pois antecipa as condições desastrosas a serem evitadas.

Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) utiliza o mesmo argumento Jonasiano frente ao poder técnico que destrói a natureza, desumaniza o ser humano e compromete o futuro da vida no planeta. Na trilha da ‘*heurística do medo*’ Jonasiana, ao comentar sobre as novas formas de poder a partir da existência da bomba atômica, na segunda metade do século XX, assim escreve:

“Na prática, por um longo período, foram a concorrência entre os blocos de poder reciprocamente opostos e o medo de iniciar a própria destruição com a destruição do outro que nos protegeram dos horrores da guerra nuclear. A demarcação recíproca do poder e o medo em torno da própria sobrevivência, revelaram-se como forcas salvadoras” (RATZINGER, Folha de São Paulo, 24 de abril de 2005).

O pensamento Jonasiano se aproxima e de certa forma fortalece a sensibilidade e a ação do movimento ecológico contemporâneo quando pensa num agir humano, numa ética da responsabilidade no futuro da vida de todos os seres vivos no Planeta. Vide declarações do ONU sobre o meio ambiente e em especial a Carta da Terra que teve seu nascimento na ECO 92 no Rio de Janeiro (RJ) e que, reconhecida em 2000, teve sua aprovação pela UNESCO e deve ser assumida por todos os países membros.

4 Que futuro, assumindo nossa responsabilidade, construiremos juntos?

Ao finalizarmos esta reflexão poderíamos fazer duas perguntas, uma a respeito de origem e outra a respeito de futuro: *Oh, bioética de onde vens?* Com Fritz Jahr (1926) e Potter (1970) temos indicações preciosas de suas origens. *Mas, para onde vais?* O futuro passa na perspectiva



dos dois protagonistas analisados que se antecipam profeticamente a toda a problemática ecológica de hoje, e têm muita sintonia com a causa ecológica das Nações Unidas, e de ilustres ativistas na área, p. ex., Mikahil Gorbachev. Este último identifica *três grandes desafios* a serem enfrentados em nosso tempo. O *primeiro* é a necessidade de manter a paz no mundo. A comunidade internacional tem de estar unida também na luta contra o terrorismo, que não pode ser justificado por nenhuma consideração política ou moral. O *segundo* desafio é a luta contra a pobreza no mundo. Como pode o “milhão dourado” de pessoas bafejadas pela sorte permanecer indiferente diante do espetáculo da miséria em que se debate a metade da população do planeta, reduzida a viver com um ou dois dólares por dia, passando fome todos os dias, sem acesso à água potável e sem condições decentes de higiene? O *terceiro* desafio identificado está ligado ao meio ambiente. Entramos em sério conflito com o nosso próprio habitat – com a mãe natureza. Esses três desafios são interdependentes. Sem combater a pobreza, serão inúteis também todas as medidas ecológicas. Mas se não nos preocuparmos com a ecologia, todos os nossos esforços para construir um mundo mais justo estarão fadados ao fracasso e nossos descendentes terão que pagar pelo nosso comportamento insensato e depredador da natureza. A própria vida na Terra corre o risco de desaparecer, tornando-se somente um episódio efêmero na história do nosso universo. (SASS, 2011).

Os três desafios propostos não dizem respeito somente aos governos e às organizações internacionais, mas a cada um de nós. Chegou a hora de todo cidadão do planeta Terra pensar na contribuição pessoal que pode dar para essa tarefa comum. “*Somos responsáveis, diante das gerações futuras, pela conservação da vida na Terra*”. (...) “*Hoje, a humanidade precisa de uma nova filosofia de vida, de uma nova ética que cristalizará os valores fundamentais, comuns a todas as tradições religiosas, uma ética baseada no consenso entre as nações e os povos do mundo*”.

Gorbachev nomeia este projeto como sendo um processo de elaboração de uma ética global e conclui dizendo:

*“a exemplo do grande escritor americano William Faulkner, eu me recuso a aceitar a possibilidade do fim da humanidade, quaisquer que sejam as provações que tenha que enfrentar. Este é o meu credo de um incorrigível otimista”*²⁰.

²⁰ Id., *ibid.*, 118-119.



Lembrando a Carta da Terra, da qual foi um dos principais líderes de todo o processo, assim escreve: “Estamos diante de um momento crítico na história da terra, numa época na qual a humanidade deve escolher o seu futuro (...)”. Para seguir adiante, “(...) devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global, baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz”. Almejamos que nosso tempo seja lembrado “pelo despertar de uma nova reverência diante da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça, pela paz e pela alegre celebração da vida”²¹.

Um dos mais importantes documentos de bioética da contemporaneidade elaborados pela UNESCO, intitulado “*Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos*, de 2005, aponta entre os objetivos da declaração “*promover o respeito da biodiversidade*” e entre os princípios fundamentais, “*responsabilidade para com a biosfera*”, proteção da biodiversidade e biosfera em que o ser humano vive.

Levando em consideração perspectivas novas dos últimos Congressos Mundiais, vemos que a bioética vai avançando globalmente (geograficamente), ampliando sua compreensão epistemológica, bem como sua abrangência temática, enfrentando os desafios emergentes e sinalizando prioridades a seguir. Jahr em 1927, na Alemanha e Potter no início dos anos 70, são os dois protagonistas pioneiros que apontam para um dos maiores desafios que a humanidade tem neste início de milênio: a responsabilidade humana para garantir o futuro da vida no planeta terra. Resgatar a sua contribuição intelectual para o campo da bioética, para além do hegemônico paradigma bioético principialista (Instituto Kennedy e Georgetown University, Washington, D.C, EUA) é uma questão de justiça histórica.

A bioética com **Potter** (1970) se apresenta como um **credo pessoal e uma ponte**. Um credo de valores a serem cultivados, protegidos e concretizados na vivência diária. Na figura metafórica da ponte, a proposta de diálogo inter, multi e transdisciplinar nas várias áreas do conhecimento humano, constitui uma autêntica possibilidade. Com **Fritz Jahr** (1926), resgatamos a visão englobante e integrativa da bioética que, para além do

²¹ Id., *ibid.*, p. 135.



ser humano (ética tradicional) no presente, se preocupa com o futuro e engloba todos os seres vivos. É o que ele chama de **imperativo bioético**. Finalmente, **Hans Jonas** (1979), com o **princípio da responsabilidade**, nos dá o veículo que nos permite no presente urgente e emergente de nossa história trafegar por esta ponte, com segurança, sem riscos de acidentes, protegendo a vida de todos os seres vivos no futuro.

Daí, a provocação inicial do subtítulo de nosso artigo ganha sentido: o encontro de um credo (Potter – 1970), com um imperativo (Jahr – 1979) e um princípio (Jonas – 1926-27). Os valores apontados a serem defendidos, proclamados e protegidos nestes elementos, – credo, imperativo e princípio – nos levam ao berço do pensamento bioético e nos projetam para o amanhã da humanidade com esperança. É sempre saudável voltarmos às origens e, como diz T. S. Eliot: “*Não cessaremos de explorar e, no final de toda a nossa busca, chegaremos onde começamos e conheceremos o lugar pela primeira vez!*”.



Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GORBACHEV M. **Meu manifesto pela terra**. São Paulo, Planeta, 2003.

GRACIA, Diego. Bioética in: CASABONA, Carlos María Romeo (Director) **Enciclopedia de Bioderecho y Bioética**. Tomo I, a-h, Granada, 2011, p. 209-227.

JAHR, Fritz: Wissenschaft wom Leben um Sittenlehre, in: Dei Mittelschule. Zeitschrift fur das gesamte mittlere Schulwesen, 1926, 40:604-6-5 (15 Dezember 1926)

JAHR – Annual of the Department of Social Sciences end Medical Humanities at the University of Rijeka – Faculty of Medicine. Declaração de Rijeka sobre o futuro da bioética. Tradução de José Roberto Goldim, vol. 2, no. 4, 2011, pp. 587-588.

JONAS, H. **O Princípio da responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto & PUC-Rio, 2006.

JONAS, H. Técnica, medicina y ética. Barcelona, Buenos Aires, México; Paidós, 1979.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Trad. Armando Braio Ara. Baureri: Manole, 2005.

MUZUR Amir & RINCIC, Iva, “Fritz Jahr (1895-1953): a life story of the ‘inventor’ of Bioethics and a tentative reconstruction of the chronology of the discovery of his Word” in: **JAHR – Annual of the Department of Social Sciences and Medical Humanities at University of Rijeka – Faculty of Medicine – JAHR, VOL 2, No. 4, 2011, P. 385-394.**

MUZUR, Amir & SASS, Hans-Martin (Eds.). **Fritz Jahr and the Foundations of Global Bioethics: The Future of Integrative Bioethics**. Munster, Lit Verlag, 2012.

NAESS A. The shallow and the deep, long-range ecology movements: a summary. **Inquiry** 1973; 16:95:100.

PESSINI, Leo, “Bioética: das origens à prospecção de alguns desafios contemporâneos” in: PESSINI, L. & Barchifontaine, C.de Paul (Orgs.).



Bioética e Longevidade Humana. São Paulo, Edições Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2006, pp. 5-46.

PESSINI, Leo; SIQUEIRA, J. E; HOSSNE, W.Saad (Org.). **Bioética em tempo de incertezas**. São Paulo, Centro Universitário São Camilo & Edições Loyola, 2010.

PESSINI, I.; BARCHIFONTAINE, C. de Paul; HOSSNE, W. Saad; ANJOS, Márcio F. dos (Orgs.). **Ética e Bioética Clínica no pluralismo e Diversidade: teorias, experiências e perspectivas**. São Paulo/Aparecida, Centro Universitário São Camilo & Ideias e Letras, 2012. Cf. especialmente a II parte – Fritz Jahr – Ensaio em Bioética e Ética – 1927-1947 p. 438-482.

POTTER, Van Rensselaer. **Bioethics; bridge to the future**. Englewood Cliffs: prentice hall, 1971.

POTTER Van Rensselaer. **Global Bioethics: building on the Leopold Legacy**. East Lansing, Michigan State University Press, 1988.

RATZINGER, JOSEPH. O homem desceu até o fundo do poço do poder, até a fonte de sua própria existência, in: **Folha de São Paulo**. 24/04/2005.

ROA-CASTELLANOS, Ricardo Andrés & BAUER, Cornelia. Presentación de la palabra bioética, del imperativo bioético y de la noción de biopsicología por Fritz Jahar em 1929 in **Revista Bioetikós**, Centro Universitário São Camilo, 2009,3(2)158-170.

SANTOS, Robinson dos. O problema da técnica e a crítica à tradição na ética de Hans Jonas, in: SANTOS, Robinson dos; OLIVEIRA, Jelson; ZANCANARO, Lourenço (Orgs.). **Ética para a civilização tecnológica: Em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: São Camilo, 2011. p. 22-40.

SASS, Hans-Martin. **Post Scriptum** da II parte – Fritz Jahr – Ensaio em Bioética e Ética 1927-1947 in: PESSINI, I.; BARCHIFONTAINE, C. de Paul; HOSSNE, W. Saad; ANJOS, Márcio F. dos (Orgs.). **Ética e Bioética Clínica no pluralismo e Diversidade: teorias, experiências e perspectivas**. São Paulo/Aparecida, Centro Universitário São Camilo & Ideias e Letras, 2012, pp. 484-494.

SASS, Hans-Martin. “The many faces and colors of the Bioethics Imperative” in: MUZUR, Amir & SASS, Hans-Martin (Eds.). **Fritz Jahr and the Foundations of Global Bioethics: The Future of Integrative Bioethics**. Munster Lit Verlag, 2012, p. 281-291.



_____. The Earth is a Living Being: We have to treat her as such! In: **Eubios Journal of Asian and International Bioethics**, EJAIB, vol. 21(3) May 2011, p. 73-77.

_____. “European Roots of Bioethics: Fritz Jar’s 1927 Definition and Vision of Bioethics”, in: COVIC, Ante-Gosie, Nada & TOMASEVIC, Luka (eds.) *From New Medical Ethics to Integrative Bioethics*, Pargamena, Zagreb, 2009, p. 22-25.

SILVEIRA, Denis Coitinho. *Uma análise do Princípio da Responsabilidade de Hans Jonas: suas implicações metaéticas*, in: SANTOS, Robinson dos; OLIVEIRA, Jelson; ZANCANARO, Lourenço (Orgs.). **Ética para a civilização tecnológica: Em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: São Camilo, 2011, p. 235-267.

SIQUEIRA, J. E. **Ética e tecnologia: uma abordagem Segundo o princípio da responsabilidade de Hans Jonas**. Londrina: Editora UEL, 1988.

Endereço do Autor:

Aven. Nazaré, 1501

Ipiranga

04263-200 São Paulo, SP

E-mail: pessini@scamilo.br